



O PECADO DE SER NEGRO NO SOLAR DOS PRÍNCIPES: Representação do preconceito nos contos de Lima Barreto e de Marcelino Freire

Lucas Andrade de Moraes

Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), lucasmorais7@gmail.com.

Cícero Otávio de Lima Paiva;

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), cicero.otavio@hotmail.com.

RESUMO

Considerando a perpetuação do preconceito advindo da realidade cruel da escravização dos negros no Brasil, objetiva-se analisar a representação do negro em comparação de dois contos de autores brasileiros: um da Literatura clássica e outro da Literatura Contemporânea. Para tanto, procede-se à por meio de um estudo comparado entre contos clássico e contemporâneo da literatura brasileira, cujo objeto de análise é a representação, presença e a marca do preconceito em personagem negra nas obras literárias clássicas e atuais. Para tanto o corpus constituiu-se dos contos: “O pecado” de Lima Barreto (Revista Souza Cruz, Rio, agosto 1924) e “Solar dos príncipes” de Marcelino Freire (Contos Negreiros, Editora Record, 2005). Desse modo, observa-se que ao buscar analisar dois contos de períodos históricos e escolas e movimentos literários distintos é possível compreender como o preconceito ao negro na sociedade é representado no universo literários, o que permite inferir, após realizado estudo bibliográficos, histórico e da teoria e crítica literária se estabelecendo as relações entre a produção de obras literárias, as representações sociais e culturais e as implicações no preconceito ao negro, que nos dois contos há descrição de um país onde desvela o preconceito social e racial, se demonstrando tão evidente quando nega a entrada do negro no reino dos céus e no “Solar dos Príncipes”, todas as portas foram e são diariamente fechadas para os negros e pobres.

Palavras-chave: Representação. Preconceito. Literatura. Contos. Negro.



1 INTRODUÇÃO

A chegada do negro ao Brasil se deu por meio do tráfico negreiro. Trazido como escravos, os negros tiveram pouca liberdade e tornou-se o grupo social mais injustiçado, explorado e marginalizado na história do país. A literatura como fonte de história social e cultura reflete bem a “importância” e o tratamento dado ao negro nos mais diversos períodos da sociedade brasileira.

Diante disso, o presente trabalho tem a pretensão de estudar e analisar a representação do negro em dois contos: um da Literatura Clássica (O pecado, de Lima Barreto) e outro da Literatura Contemporânea (Solar de Príncipes, de Marcelino Freire).

Os dois contos retratam a perpetuação do preconceito advindo da realidade cruel da escravização dos negros no Brasil. O texto busca inicialmente apresentar o discurso histórico sobre os negros, especialmente no período da escravidão, e posteriormente compreender como a realidade histórica das ideologias negativas de ordem social e da superioridade do povo branco (senhor) sobre os povos dominados (escravo negro) é representado no imaginário da literatura.

Ao buscar analisar contos de períodos históricos e escolas e movimentos literários distintos é possível compreender como o preconceito ao negro é representado no universo literários, para tanto será realizado estudos bibliográfico, histórico e da teoria e crítica literária, buscando se estabelecer relações entre a produção de obras literárias, as representações socioculturais e as implicações no preconceito ao negro.

Os contos analisados apresentam fatos interessantes e diversificados não somente para o estudo da literatura, mas para a prática docente, uma vez que ambos os textos exploram temáticas que muitas vezes são negligenciadas em sala de aulas. Além de contribuir para problematizar a circunstância da população negra no Brasil e os efeitos de sua exclusão e marginalização na busca pela liberdade e igualdade.

Sabendo que literatura brasileira possui característica muito própria, mantendo-se homogenia quanto aos seus leitores, produtores e difusores, espera-se que o presente texto possa despertar um olhar crítico para as questões étnico-raciais no Brasil e promova acesso ao conhecimento do problema histórico do pecado de ser negro no solar dos príncipes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O negro no Brasil: entre a história e a literatura

Na busca pela compreensão do lugar do negro na literatura é preciso retomarmos um dos capítulos mais marcante na história do Brasil, qual seja, o período que se inicia a presença do negro na composição social do país. Esse capítulo não se trata de uma história de liberdade e pacificidade, muito pelo contrário, é uma história marcada pela violência, sofrimento, exploração, luta e morte.

A chegada dos primeiros contingentes de negros ao Brasil, em termos representativos e de forma contínua, iniciou-se em 1560, com a chegada dos grandes navios negreiros, que eram os transportes que traficavam pessoas do continente Africano, sob a condição de escravos para diversos lugares das Américas e Europa. Estima-se que esse tráfico negreiro ocorreu entre os séculos XVI a XIX (RIBEIRO, 1995).

O Projeto “*Voyages: Trans-Atlantic Slave Trade Database*”¹ da Emory University, faz uma estimativa de que 5,5 milhões de escravos foram trazidos da África para o Brasil, desse 4,8 milhões chegaram vivo e 700 mil morreram (desses 660 mil morreram nos navios negreiros).

O tráfico negreiro proporcionou grande fluxo de escravos africanos para o Brasil e representou um grande negócio para a economia da Colônia. O negro era utilizado como mão-de-obra, conseqüentemente era tratado como “coisa”, dotado de valor econômico e considerado propriedade, ou seja, representava riqueza para os senhores coloniais e burgueses, dessa forma, ao escravo lhe era permitido possuir e/ou legar bens, constituir poupanças ou testemunhar em processos judiciais (FAUSTO, 1995).

Os povos africanos, além da condição de escravos, possuíram um papel relevante no processo de colonização e povoamento do país, pois além dos índios e dos portugueses, os negros e seus descendentes foram os principais ocupantes do território da colônia e principal força motriz durante séculos, além de influências culturais e linguísticas na formação da língua portuguesa, entretanto:

¹ Tradução livre: “Viagens: O Banco de Dados do Tráfico de Escravos Transatlântico”. Disponível em: <<http://slavevoyages.org/assessment/essays#>>. Acesso em: 27 maio de 2018.

A contribuição cultural do negro foi pouco relevante na formação daquela protocélula original da cultura brasileira. Aliciado para incrementar a produção açucareira, comporia o contingente fundamental da mão-de-obra. Apesar do seu papel como agente cultural ter sido mais passivo que ativo, o negro teve uma importância crucial, tanto por sua presença como a massa trabalhadora que produziu quase tudo que aqui se fez, como por sua introdução sorrateira mas tenaz e continuada, que remarcou o amálgama racial e cultural brasileiro com suas cores mais fortes (RIBEIRO, 1995, p. 114).

O negro exerceu um papel incisivo na formação da sociedade local, uma sociedade escravocrata marcada pela monocultura latifundiária em que o negro se constituiu como a engrenagem para o funcionamento da produção colonial e o sustento das famílias patriarcais. Naquela época é extremado a sociedade brasileira em senhores e escravos, entre a casa-grande e a senzala (FREYRE, 2004).

Essa relação entre brancos e negros (senhores e escravos), de modo geral, foram condicionadas pelo uso do escravo para o sistema de produção econômica e sexual, implicando na representação do negro para aquela sociedade como uma “coisa”, sub-raça ou raça inferior. Nessa relação o branco reduz o negro aos trabalhos mais degradantes, humilhantes, insalubres, perigosos e penosos, pois:

Ao escravo negro se obrigou aos trabalhos mais imundos na higiene doméstica e pública dos tempos coloniais. Um deles, o de carregar à cabeça, das casas pra as praias, os barris de excremento vulgarmente conhecidos por tigres. Barris que nas casas-grandes das cidades ficavam longos dias dentro de casa, debaixo da escada ou em um outro recanto acumulando matéria. Quando o negro os levava é que já não comportavam mais nada. Iam estourando de cheios. De cheios e de podres. Às vezes largavam o fundo, emporcalhando-se então o carregador da cabeça aos pés. Foram funções, essas e várias outras, quase tão vis, desempenhadas pelo escravo africano com uma passividade animal (FREYRE, 2004, p. 550).

A vida do negro na sociedade escravocrata nunca foi fácil. O sofrimento provocado pelo sistema escravagista na época era considerado legal, uma vez que haviam legislações que possibilitavam e legitimavam a redução do negro ao *status* de “coisa”. Olhando de uma perspectiva atual, as leis escravocratas pareciam absurdas, mas até a abolição da escravidão no país, existiram diversos movimentos pró-abolicionista, rebeldia e fuga dos cativos e formação de quilombos como meio de resistências as legislações que legitimavam essa exploração do negro no país.

Alguns passos no mundo jurídico foram dados até se chegar a libertação dos escravos. O primeiro foi a Lei do Ventre Livre (1871), conhecida também como Lei Visconde do Rio Branco, que concedeu a liberdade aos escravos nascidos no país após a data de promulgação da lei. O segundo foi a Lei dos sexagenários (1885) que

concedeu liberdade aos escravos com idade igual ou superior a 60 anos. O último deles, a Lei Eusébio de Queirós (1850), foi o responsável pelo início da libertação dos escravos no país ao proibir o tráfico de escravos para o Brasil (FAUSTO, 1995).

Toda essa caminhada das leis emancipacionistas se tornaram uma conquista dos escravos para culminar com a Abolição, em 13 de maio de 1888, embora formalmente se atribuiu a Princesa Isabel toda a memória desse processo, a abolição é resultado de um conjunto de fatores e movimentos abolicionistas que pressionaram o governo a decretar o fim da escravidão no país, porém é importante ressaltar que a abolição ocorreu quando praticamente já não se existiam muitos escravos na época.

[...] Ascendendo à condição de trabalhador livre, antes ou depois da abolição, o negro se via jungido a novas formas de exploração que, embora melhores que a escravidão, só lhe permitiam integrar-se na sociedade e no mundo cultural, que se tornaram seus, na condição de um subproletariado compelido ao exercício de seu antigo papel, que continuava sendo principalmente o de animal de serviço (RIBEIRO, 1995, p. 232).

Mesmo depois da abolição da escravatura, os negros continuavam enfrentando terríveis condições de penúria no labor e na vida social. Os negros passaram a enfrentar conflitos de cunhos raciais e de aceitação dentro da sociedade, a luta dos negros por reconhecimento e combate a preconceitos que criavam barreiras para efetivação de sua liberdade era diária, assim, mesmo depois de alcançada a abolição, os negros se veem condenados a lutar contra as discriminações e outras múltiplas formas de desrespeitos.

A situação do negro após a libertação dos escravos e a sua história de escravidão não podem ser compreendidas como o autor Gilberto Freyre defende ser uma democracia racial de um país pacificamente e de identidade multirracial e miscigenado, uma vez que até nos dias atuais o país possui uma alta carga de opressão, preconceito e discriminação ao negro.

A característica distintiva do racismo brasileiro é que ele não incide sobre a origem racial das pessoas, mas sobre a cor de sua pele. Nessa escala negro é o negro retinto, o mulato já é o pardo e como tal meio branco, e se a pele é um pouco mais clara, já passa a incorporar a comunidade branca. Acresce que aqui se registra, também, uma branquização puramente social ou cultural. É o caso dos negros que, ascendendo socialmente, com êxito notório, passam a integrar grupos de convivência dos brancos, a casar-se entre eles e, afinal, a serem tidos como brancos (RIBEIRO, 1995, 225).

A questão da história do negro no Brasil é marcada pelo preconceito, discriminação, racismo, coisificação, sexualização e exploração. É essa representação do negro que as fontes históricas registram, e não diferem muito das fontes literárias em que reproduz ou retrata, com maior ou menor realismo,

[...] Ainda que o *quantum* de real histórico seja ponderável, o modo de trabalhar, que é essencial, é ficcional. Nessa perspectiva o romancista não mentiria nunca (...) porque ele efetivamente está mexendo com representações da imaginação que podem, ou não, ter um conteúdo empírico historicamente atestado” (BOSI, 2015, p. 224).

Portanto, as características das relações entre os senhores e escravos nos textos literários tendem a refletir a sociedade vivenciada pelos romancistas, folhetinistas ou escritores de teatros, seja por experiências pessoais, memória, fatos ou fontes historiográficas que ainda que sejam fatos documentados, o texto no seu conjunto é de ficção.

2.2 A representação do negro na Literatura Brasileira

A representação do negro nas fontes literárias, anterior ao ano 1850, é praticamente inexistente, antes da abolição do tráfico de escravos, fato instintivo, pois embora tenham desempenhado papel indispensável na construção econômica do período de colonização, seu lugar na sociedade escravocrata era de um bem ou coisa dos senhores, quando os negros eram representados em textos da época, apareciam em segundo plano.

O negro está representado na literatura brasileira, principalmente, a partir do movimento romântico, tanto na poesia como em Castro Alves (considerado o poeta dos escravos) e na luta em prol da abolição da escravidão, utilizando o poema como arma, o transformando em instrumento de luta social.

José de Alencar (1829-1877), foi outro autor que de alguma forma representa o negro em seus romances, todavia, por se tratar de um ficcionista da elite, em suas obras os protagonistas nunca serão representados por negros (OLIVEIRA, 2006).

Na época, o que mais se aproxima de uma representação do negro enquanto protagonista é com a obra “Escrava Isaura” de Bernardo Guimarães, contudo, a personagem sofre um processo de “branqueamento”, a sua descrição é de uma escrava branca e educada, de caráter nobre, com traços que representam muito mais uma mulher branca do que uma negra (OLIVEIRA, 2006).

Nos primeiros escritos da literatura brasileira é notório a sua configuração e formação de modo etnocêntrico, ao desconsiderar determinados grupos sociais, evidenciando a superioridade da cultura europeia, representada pelo indivíduo branco, cristão, civilizado e colonizador.

Nesse contexto, o grupo social mais afetado foi o negro, esse que é representado nas obras literárias de maneira inferiorizada, erotizada, sensual, objeto sexual ou para servir o senhores coloniais, em que as narrativas da literatura brasileira caracteriza-os apenas como objetos, remetendo sempre a escravidão. Nesse ponto de vista:

É importante salientar de que a Literatura Brasileira a partir desta perspectiva, de olhar o negro sem voz ativa e estereotipado, era uma escrita produzida por homens brancos e de classe média, pertencentes a uma elite social, assim, as obras literárias eram textos que seguiam um padrão homogêneo, ditado por um cânone literário, ou seja, as obras teriam que seguir este modelo para serem aceitas em suas épocas, sobre a ideia de cânone (LUCIANO, 2012, p. 06)

Compreende-se desta forma, que os escritores os quais apresentavam em suas obras o negro como sub-humano, inferior e incapaz, eram brancos e ricos, esses que por sua vez seguiam regras preconceituosas da época, que oficializavam a escrita de determinado grupo social.

É com o movimento Pré-Moderno que alguns autores irão trazer a sua afro-descendência e representação dos negros e os problemas sociais decorrentes do preconceito contra a sua raça dentro da literatura e da arte.

Faziam parte desse movimento os escritores negros como: Luís Gama (1830-1882), Solano Trindade (1908-1974) e Lima Barreto (1881-1922), que por não pertencer ao cânone literário, suas obras tornaram-se “esquecidas”, por ir de encontro a literatura oficial. Em seus textos os autores buscavam representar a identidade negra como sujeito e mostrar o preconceito decorrente da sua “coisificação”. Esses e outros escritores negros, ao colocarem a negritude no centro da discussão literária, faz emergir a chamada literatura afro-brasileira:

A partir do ano de 1978, alguns escritores com intuito de trabalhar com a figura do negro no Brasil, assim como materializar-se por serem eles próprios vítimas das estereótipos impostas dentro do círculo literário e intelectual, surge o primeiro exemplar dos Cadernos Negros, livro que reunia, e ainda reúne, contos e poemas que tinham como princípio a valorização da imagem do negro em uma literatura elaborada por eles próprios, já refletindo o desmembramento, a descontinuidade e a descentralização proposta pelas literaturas pós-modernas, pois não se trata mais do negro escravo, alienado ou objeto do senhor como se observava até então, mas sim como um participante da sociedade com sentimentos, prazeres e sensações (SILVA, 2010, p. 23).

A literatura afro-brasileira presente nos Cadernos Negros passou a representar uma ferramenta para o negro, no qual, poderia ser visto como sujeito e representar sua verdadeira identidade. Vale ressaltar que, esses escritores faziam parte

de tal grupo social, sendo eles também vítimas das regras que constituíam o cânone literário estabelecido naquele período.

Os autores dos Cadernos Negros buscaram dar visibilidade à sua produção e ampliaram a reflexão sobre a condição de trabalho dos escritores negros, sobre a circulação de seus textos, a marginalidade dessa produção e a linguagem com que se expressam. Numa criação literária mais preocupada com a função social do texto, interessa-lhes, sobretudo, a vida dos excluídos por razões de natureza étnico-racial. A relação entre cor e exclusão passa a ser recorrente na produção literária denominada pela crítica como negra ou afro-brasileira (FONSECA, 2006, p. 17).

As duas vertentes apresentadas, em que o negro de inferior, sub-humano passa a ser sujeito de sua própria ação e não apenas objeto, mostram que esse processo longo de mudança de cenário referente ao negro, foi essencial para criar sua identidade real, pois “essa identidade tinha sido deturpada por uma elite colonialista que só conseguia enxergar no negro um mero serviçal, que não possuía humanidade e por isso não teria direito a voz” (LUCIANO, 2012, p. 303), desta forma, ocultando sua história, sua cultura, seus sentimentos.

Essa visão do negro nas obras da Literatura Brasileira vai do século XVII até o modernismo no século XX, e o negro como sujeito deu-se com os textos da literatura brasileira e afro-brasileira, que englobam o século XIX e chega até a atualidade.

2.3 Literatura clássica *versus* contemporânea: Lima Barreto *versus* Marcelino Freire

A Literatura clássica é representada pelas obras que acompanham uma tendência estética e cultural dos acontecimentos históricos que envolvem as escolas literárias (ou movimentos literários), tais como: Trovadorismo, Humanismo, Renascimento, Classicismo, Quinhentismo, Barroco, Arcadismo, Romantismo, Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Pré-Modernismo e Modernismo.

Dentro dessa perspectiva enquadra-se o escritor e jornalista, Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), mais conhecido por “Lima Barreto”, mulato, filho de pais pobres e neto de escravos. O escritor pertenceu ao movimento literário do Pré-Modernismo, suas obras buscaram retratar à realidade social urbana e suburbana carioca, diferente dos escritores do cânone literário, preocupa-se com as questões sociais, e por isso, volta sua obra para denunciar e criticar a hipocrisia da sociedade, explicitando e expondo os preconceitos e a marginalização social e racial.

Lima Barreto foi outro escritor que deu voz ao negro, seus escritos também criticava a opressão que os pobres e oprimidos sofriam, fatos que fizeram com que esse autor não tivesse uma aceitação por parte da elite e dos críticos literários de sua época, dessa forma ficou à margem do que era considerado como sendo a “alta literatura” (LUCIANO, 2012, p. 308).

Atualmente considerado um escritor clássico, as suas obras possuem uma característica essencial ao representar a figura do negro, agora com consciência de sua exclusão, não se tratando mais de uma coisa (passivo), mas um sujeito (ativo) que pensa e possui voz.

Embora tenha vivido pouco “[...] 41 anos. Morreu em 1º de novembro de 1922, vítima de um infarto — atribuído, entre outros fatores, também ao consumo excessivo de álcool — (...) Em sua curta vida, o escritor mostrava urgência.” (SCHWARCZ, 2017, p. 19). Relegado pela crítica literária da época, Lima Barreto deixou grande legado para a literatura brasileira, dentre suas principais obras estão os romances: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *O triste fim de Policarpo Quaresma* (1911), *Os Bruzundangas* (1922), *Clara dos Anjos* (1948) dentre outros; e os contos: *O homem que sabia javanês*, *Nova Califórnia*, *O pecado*, entre outros.

As tendências contemporâneas ou literatura contemporânea, compreende as produções do final do século XX e primeira metade do século XXI, que não se enquadram nos movimentos literários clássicos e muitas vezes seus textos são pouco conhecidos ou aclamados pela crítica literária. Trata-se de uma mistura de tradicionalismo, ao adotar características das escolas literárias anteriores, com novas ideias que irão inovar na construção da poesia e prosa.

Dentre os nomes que se destacam no cenário da literatura contemporânea brasileira, está o escritor pernambucano Marcelino Juvêncio Freire, nascido na cidade de Sertânia, em dia 20 de março de 1967. O autor tem iniciado na década de 80 o curso de Letras na Universidade Católica de Pernambuco, mas não o concluiu. Ao mudar-se para o Estado de São Paulo, o autor deu os primeiros passos para sua entrada no mundo da literatura, enquanto escritor, ao publicar (de forma independente) os livros: *AcRústico* (1995) e *EraOdito* (1998), a partir do ano 2000, inicia-se suas publicações de obras por meio de editoras: *Angu de Sangue* (Contos, 2000), *BaléRalé* (Contos, 2003), *Contos Negreiros* (Contos, 2005), *Rasif - Mar que Arrebenta* (Contos, 2008), *Amar é crime* (Contos, 2010) e *Nossos ossos* (Romance, 2013). Seu reconhecimento literário foi acentuado no ano de 2006, ao receber o Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria Melhor Livro de Contos e Crônicas, por sua obra “Contos Negreiros”.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesse trabalho foi um estudo comparado entre contos clássicos e contemporâneos da literatura brasileira, cujo objeto de análise é a representação, presença e a marca do preconceito em personagem negra nas obras literárias clássicas e atuais. Para tanto o *corpus* constituiu-se por dois contos brasileiros: O pecado, de Lima Barreto (Revista Souza Cruz, Rio, agosto 1924) e Solar dos príncipes, de Marcelino Freire (Contos Negreiros, Editora Record, 2005).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O conto “O Pecado” de Lima Barreto, datado de junho de 1904 e publicado na Revista Souza Cruz, ano VII, número 92, de agosto de 1924, faz uma crítica ao preconceito racial e a não inclusão dos negros nos cenários sociais, mesmo após a abolição da escravatura.

O conto se passa em um cenário celestial e divino, onde se espera que a bondade, compreensão, perdão e inclusão reine sob quaisquer forma de discriminação, preconceito e exclusão. O céu é retratado como uma esperança terrena em agir de forma digna e respeitosa com os irmãos. Trata-se da história de uma alma que sobe ao céu e passar pelo crivo do porteiro celestial:

[...] São Pedro, antes de sair, leu de antemão a lista; e essa sua leitura foi útil, pois que se a não fizesse talvez, dali em diante, para o resto das idades – quem sabe? – **o Céu ficasse de todo estragado**. Leu São Pedro a relação: havia muitas almas, muitas mesmo, delas todas, à vista das explicações apenas, uma lhe assanhou o espanto e a estranheza (BARRETO, 2011, p. 363) [Grifo nosso].

No conto, o pescador e discípulo São Pedro, o porteiro celestial e aquele que detém as Chaves do Reino dos Céus², é retratado no conto de Lima Barreto como o encarregado de selecionar as almas que irão para o purgatório e as que ficarão “à direita do altíssimo”, comprometendo-se em não deixar o céu estragado, ou seja, não receber almas más, impuras e sujas. Para Cuti (2011), Lima Barreto ao se apropriar de elementos do catolicismo, faz uma crítica ao “branqueamento” ou “branquização” dentro da igreja católica, fruto da eugeniação

² No Evangelho de Mateus, 16:19, Jesus faz uma afirmação ao Apóstolo Pedro: "Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra, será desligado nos céus".

e eurocentração e outra crítica as instituições católicas ao permitirem e contribuírem para a escravidão e exploração do negro no Brasil.

A estranheza e o espanto de São Pedro, no conto, se deu ao analisar a vivência da alma em sua vida terrena e pela forma como viveu na terra:

P. L. C., filho de..., neto de..., bisneto de... – Carregador, quarenta e oito anos. Casado. Casto. Honesto. Caridoso. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como São Francisco de Assis. Virtuoso como São Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo (BARRETO, 2011, p. 363).

O porteiro celestial entendeu, *a priori*, que a alma preenche perfeitamente todos os requisitos não somente de entrar no plano celestial, mas sentar-se à direita do trono por toda eternidade:

Deveras, pensou o Santo Porteiro, é uma alma excepcional; como tão extraordinárias qualidades bem merecia assentar-se à direita do Eterno e lá ficar, *per saecula saeculorum*, gozando a glória perene de quem foi tantas vezes Santo... (BARRETO, 2011, p. 363).

Todavia, o escriturário faz uma observação, que deixou passar: “— Esquecia-me... Houve engano. É ! Foi bom você falar. **Essa alma é a de um negro.** Vai para o purgatório” (BARRETO, 2011, p. 363, grifo nosso). Assim, a alma cometeu apenas um “pecado” imperdoável: o de ser negro. Ainda que suas ações e características pessoais sejam perfeitas (bom, humilde e honesto), seu castigo será ir para o purgatório, pois trata-se de uma alma impura e suja, que por mais que houvesse boas ações por trás de sua cor, não era permitido a sua entrada de negros no reino celestial, “[...] apenas os brancos [são] dotados de humanidade” (CUTI, 2011, p. 91).

O conto “O pecado” é curto e ao mesmo tempo forte, é um protesto contra uma sociedade que elege os bons dos maus pela cor da pele, excluindo e barrando os negros dos diversos espaços e instituições sociais, apenas por considerarem que ser preto era um pecado. Mesmo após a abolição da escravatura, que garantiu liberdade legal, toda a população negra, até hoje, são excluídas e marginalizadas, e assim lutam para a construção de igualdade de direitos, oportunidades e acesso às camadas sociais (MUNANGA & GOMES, 2006).

O conto “Solar dos príncipes” de Marcelino freire, é o Canto II do livro “Contos Negreiros”, publicado no ano de 2005, escrito em prosa poética com ritmos e rimas, o texto narrado por um dos personagens negros, retrata o preconceito racial e as dificuldades de ser pobre no Brasil.

Em “Solar dos príncipes” um grupo de amigos que mora no Morro do Pavão pretendem filmar um apartamento e entrevistar moradores de um condomínio em um bairro nobre carioca, a fim de criar um documentário sobre um dia de domingo da vida de uma família da classe média/alta, quando são impedidos pelo porteiro (também negro, pobre e possível morador da periferia):

[...] Quatro negros e uma negra pararam na frente deste prédio. A primeira mensagem do porteiro foi: “Meu Deus!” A segunda: “O que vocês querem?” Ou “Qual o apartamento?” Ou “Por que ainda não consertaram o elevador de serviço? (FREIRE, 2005, p. 23).

Nessa passagem é possível observar claramente os “pré-conceitos” relacionados aos negros pela classe branca/opressora/senhor/patrão, é reproduzido no pensamento do porteiro, que embora seja negro e pobre, faz um julgamento dos jovens negros do morro de acordo com os preconceitos de seus empregadores/padrões que associa a figura do negro a assalto/roubo/violência/ladrão ou a prestadores de serviços/subempregos. É uma perpetuação do preconceito racial e social, oriunda da consciência hospedeira da consciência opressora que aliena o próprio trabalhador “em retalhos da realidade desconectados da totalidade” (FREIRE, 2005, p. 65).

‘Estamos filmando.’ Filmando? Ladrão é assim quando quer sequestrar. Acompanha o dia-a-dia, costumes, a que horas a vítima sai para trabalhar. O prédio tem gerente de banco, médico, advogado. Menos o síndico. O síndico nunca está. (...) – viemos gravar um longa-metragem. – Metra o quê? Metralhadora, cano longo, granada, os negros armados até as gengivas. Não disse? Vou correr. Nordestino é homem. Porteiro é homem ou não é homem? (...) O porteiro apertou o apartamento 101, 102, 108. Foi mexendo em tudo que é andar. Estou sendo assaltado, pressionado, liguem para o 190, sei lá (FREIRE, 2005, p. 23-24-25).

O porteiro não compreende a intenção do grupo. Pelo medo da possibilidade de assalto (BALDAN, 2011); Pela identificação visual social sistematizada, ao visualizar um grupo de negros juntos, “[...] dentro da qual negro no asfalto = presença arbitrária dos valores do morro, logo, perigo ou perturbação para ‘ordem’ pública” (SOUZA, 2014, p. 24); e/ou por não perceber que está “[...] reproduzindo os pensamentos e ações de uma classe social que não é a sua (...) Não consegue se libertar da consciência opressora” (SILVA & SANTOS, 2015, p. 84).

O narrador ainda faz um desabafo-questionamento: “A idéia foi minha, confesso. O pessoal vive subindo no morro para fazer filme. A gente abre as nossas portas, mostra as nossas panelas, merda” (FREIRE, 2005, p. 24), ao fazer esse desabafo o narrador provoca uma reflexão sobre o acesso aos lugares e a cidade, em que o morro é

constantemente objeto de estudos e acesso, principalmente para trabalhos cinematográficos é permitida a entrada aos de fora, porém a lógica inversa não é verdadeira, pois o morro tende a não ser (bem) recebido quando se desloca aos bairros nobres/ricos para se fazer a mesma coisa.

[...] A gente não só ouve samba. Não só ouve bala. Esse porteiro nem parece preto, deixando a gente preso do lado de fora. O morro tá lá, aberto 24 horas. A gente dá as boas-vindas de peito aberto. Os malandrões entram, tocam no nosso passado. A gente se abre que nem passarinho manso. A gente desabafa que nem papagaio. A gente canta, rebola. A gente oferece a nossa coca-cola. [...] (FREIRE, 2005, p. 25).

O incômodo do narrador com a situação de classes e o modo de sociabilidade opostos na dinâmica urbana (morro x bairros nobres/rico x pobre) denuncia a visão distorcida que é propagada por documentários sobre a periferia. Para Silva & Santos (2015) o que ocorre é uma inversão de papéis, em que os marginalizados/negros/pobres deixam de ser objeto e passam a serem sujeitos, saíram da condição de oprimidos, libertando-se.

O desfecho do conto ocorre com a chegada da polícia: “[...] A sirene da polícia. Hã? A sirene da política. Todo filme tem sirene de polícia. E tiro. Muito tiro.” (FREIRE, 2005, p. 26). Os quatro aspirantes à produtores tem seu primeiro documentário finalizado com o mesmo de sempre para o mundo do negro e da pobreza: tiro e polícia. A própria representação do polícia como instituição repressora do Estado, vem cumprir sua missão de zelo ao patrimônio da classe média/alta (cidadãos de bem) “O solar dos príncipes” e não pela vida dos “Quatro negros e uma negra pararam na frente deste prédio”.

O conto de Marcelino Freire, marcado pela oralidade, da narrativa em primeira pessoa, dá um efeito realístico e nos inserem na condição de um dos negros barrados, ainda que só no campo da imaginação, nos coloca a ocupar o lugar do outro (negro e pobre) em um resgate de discursos dos excluídos e marginalizados. O conto é um retrato do cotidiano da classe pobre e negra do Século XXI, marcado pelo preconceito, racismo, violência (física e moral), falta de oportunidade e criação de obstáculos para sua emancipação, muito semelhante a vivenciada pelos escravos nas mãos dos senhores dos Século XVI.

Os contos “O Pecado” e “Solar dos príncipes” trazem consigo aspectos imanentes da cultura da sociedade em que os autores estão inseridos, portanto há uma aproximação entre a forma ficcional e a realidade social.

Os dois contos foram escritos com uma diferença aproximada de um século, e ambos remetem ao preconceito de ser e ao negro, à divisão de classes e a exclusão social dos pobres e oprimidos. Por meio de uma abordagem e linguagem

simples, aparentemente cômica, os autores retratam a situação vivida pelo negro no Brasil em dois séculos XX e XXI. Que pelas características tão próximas das duas narrativas parecem que as situações ocorreram no mesmo séculos.

As duas história tendem a se confundirem por serem dois porteiros negros, ainda que Lima Barreto não tenha deixado claro que São Pedro era negro, mas é possível inferir que os hebreus, egípcios e outros povos daquela região tinha uma cor de pele "mais escura", e justamente esses dois porteiros adotam um comportamento de “guarda-valores” dos preceitos celestial e da classe média/alta, julgando pelos olhos preconceituosos da sociedade elitizada/branca.

5 CONCLUSÃO

A escravidão consistente numa temática histórico-social. Como categoria sociológica, esta temática pode ser objeto de pesquisa no âmbito das ciências sociais, sociologia, história antropologia, psicologia, etc., e por isso, discutimos sobre os processos composicionais que constituem a representação literária, bem como sobre a escravidão, no sentido de buscar demonstrar em nossas análises como são representados o contexto da instituição escravista brasileira no século XIX, permeado de um discurso ambivalente de narradores e personagens de insinuações diferentes.

Portanto, percebe-se que a discussão teórica e as análises realizadas constituem uma possibilidade de leitura, dentre diversas outras oportunidade a cerca de um objeto de estudo sob um determinado contexto histórico, no campo da pesquisa acadêmica especificamente em literatura brasileira, nesse caso nos contos de Lima Barreto e Marcelino freire, com o objetivo de retratar o preconceito ao negros no Brasil.

Por fim, vê-se que nos dois contos há a descrição de um país onde desvela o preconceito social e racial, que se demonstra tão evidente quando nega a entrada do negro no reino dos céus e no “Solar dos Príncipes”, todas as portas foram e são diariamente fechadas para os negros e pobres. Nesse sentido é difícil acreditar que o período de colonização e da escravidão realmente acabou.



REFERÊNCIAS

BALDAN, Maria de Lourdes Ortiz Gandini de. A escrita dramática da marginalidade em Marcelino Freire. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 71-80, jul./dez. 2011

BARRETO, Lima. **Contos completos de Lima Barreto**. Organização e introdução de Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.

BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2015.

CUTI (Luiz Silva). **Lima Barreto**. Col. Retratos do Brasil Negro. São Paulo: Selo Negro, 2011

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 1995.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura Negra, Literatura Afro-brasileira: Como responder à polêmica? *In*: SOUZA, Forentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

LUCIANO, H. J. **O negro na literatura brasileira: de objeto a sujeito**. *In*: XIV Semana da Educação Pedagogia 50 Anos: da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras à Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2012.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: História, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2006.

OLIVEIRA, Sílvio. Séculos de arte e literatura negra. *In*: SOUZA, Forentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, Neide Cristina da; SANTOS, Maria Aparecida Costa dos. Literatura marginal: análise do conto “solar dos príncipes”. **Revista Ciências Humanas - UNITAU**, Taubaté/SP - Brasil, v. 8, n 1, edição14, p. 81 - 87, Junho 2015.



SILVA, Stefani. Literatura Afro-Brasileira: uma identidade em questão. **Revista Iuminart do IFSP**. Volume 1, n. 4, Sertãozinho, Abril de 2010, pp. 21-28.

SOUZA, Auricélio Ferreira de. **A verve do marginal em Marcelino Freire**: um estudo da performance de voz subalterna na versão audiolivro da obra Contos Negreiros. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

